

As Parabellum Portuguesas

Jaime Regalado

Introdução

Portugal toma um lugar digno de referência na história mundial da pistola Parabellum, não apenas por ter sido um dos primeiros países a efectuar testes e a adoptá-la como arma regulamentar, mas ainda por a ter mantido ao serviço durante mais tempo.

No final do século XIX, com o advento das pólvoras sem fumo, foi possível conceber com sucesso armas ditas semi-automáticas, em que as forças associadas ao escape de gases da explosão são aproveitadas para ejectar o invólucro vazio, armar o mecanismo de percussão e introduzir uma nova munição na câmara de disparo. Destacam-se alguns sistemas, particularmente engenhosos, como o da pistola Bergmann, Roth, Mannlicher, Schwarzlose e Borchardt. Todas estas armas usavam contudo sistemas mecânicos bastante complexos, carentes de manutenção e cuidados na utilização que as afastavam ainda da utilização militar.

Nos últimos anos do séc. XIX, o engenheiro austríaco Georg Luger (1849-1923) da fábrica de armas Deutsch Waffen und Munitionfabrik - DWM, antigo oficial, atirador dotado e conhecedor das características que uma arma militar devia possuir, redesenhou de uma forma feliz a algo deselegante mas sofisticada pistola, concebida por Hugo Borchardt, transformando-a na mundialmente conhecida pistola Parabellum.

Outras armas foram igualmente objecto de estudo e aperfeiçoamento por parte de Georg Luger, nenhuma contudo atingiu o sucesso da pistola Parabellum, que, em muitos países, é conhecida por pistola Luger.

Os primeiros países a adoptar a pistola Parabellum como arma regulamentar foram a Suíça e a Bulgária, em 1900, antes mesmo da Marinha de Guerra Alemã, que a adoptou apenas em 1904. Foi precisamente após a sua adopção pela "Kriegsmarine" que uma série de outros países da Europa, América do Sul e mesmo os Estados Unidos da América se interessaram por esta arma e deram início a uma série de ensaios comparativas.

A Pistola Parabellum em Portugal

Em Portugal, os primeiros ensaios com a pistola Parabellum, com o objectivo de equipar os oficiais o Exército com uma pistola automática, decorreram em 1906. A comissão de oficiais de artilharia nomeada para o efeito, presidida pelo Coronel Matias Nunes, foi unânime em reconhecer que esta arma era a que melhor satisfazia os requisitos propostos, tanto a nível balístico como de funcionamento em geral.

Para estes ensaios foram adquiridas 30 pistolas Parabellum, modelo 1900, em calibre 7,65 mm parabellum e com cano de 120 mm (fig. 1). É notável o cuidado posto pela DWM no fabrico destas armas pois, ainda que para testes, receberam a coroa e o monograma de D. Carlos I gravado na superfície exterior sobre a câmara (fig. 2).



fig. 1 - Representação esquemática da pistola Parabellum Mod. 1900, onde se pode observar a mola real com forma laminar. Também as "orelhas" da articulação dos tirantes da culatra têm uma forma côncava de modo a facilitar a acção manual de armar o mecanismo.



fig. 2 Pormenor do monograma de D. Carlos I na pistola Parabellum 7, 65 modelo 1900, um dos 30 exemplares que vieram para Portugal para ensaios em 1906.

Não obstante o parecer favorável desta comissão, pelas proverbiais faltas de dinheiro, não foi contratada a sua aquisição. Em 1907, uma nova comissão de oficiais de artilharia foi nomeada para proceder a novos ensaios, que veio a corroborar o parecer da comissão anterior. Ficou então decidida a aquisição destas armas, para substituir o revólver Abadie para Oficiais, tendo sido encomendadas de imediato cerca de 50 unidades destinadas a alguns oficiais que, nesse mesmo ano, marchavam para o Sul de Angola para a Campanha dos Cuamatos, (fig. 3 a).

A urgência posta nesta aquisição levou a que a DWM fornecesse armas que dispunha prontas, destinadas ao mercado civil. Estas armas, entretanto já do modelo 1906 (figs. 4 a, b), são tecnicamente idênticas às que viriam a ser posteriormente fornecidas, por contrato, porém desprovidas de monograma e coroa e com números de série próximos do 25 000 [Jones] dispostos de acordo com a numeração civil (1).



Fig. 3 a) Oficial de Dragões na Campanha dos Cuamatos em 1907. À cintura, é evidente um coldre que, pela sua forma revela tratar-se de uma Parabellum. In, Ilustração Portuguesa



Fig. 3b) 2ª Secção do 2º Pelotão da Companhia de Caçadores 673 em Angola Aquartelamento de M'Pozo, Distrito do Zaire, ZIN em fotografia informal para a família, no regresso de uma patrulha, no início de 1965. Aos furréis e praças estava distribuída a pistola Parabellum enquanto os oficiais possuíam a recém adquirida Whalter P-38. Em ambos os casos estas armas eram frequentemente usadas sob o camuflado de modo a não denunciar o posto. 58 anos separam estas duas fotografias. Arquivo particular



Fig. 4.a) Pistola Parabellum 7, 65 mm, modelo 1906 comercial, um dos exemplares adquiridos à DWM, extra contrato, em 1907, para a Campanha dos Cuamatos.



Fig. 4.b) Vista superior desta arma, onde se observa apenas do monograma da DWM.

Só em 1908, já no reinado de D. Manuel II, foi formalizada a encomenda de 3 500 pistolas Parabellum e respectivos acessórios. A primeira entrega destas armas teve lugar em meados de 1908, estendendo-se o

fornecimento até meados de 1910. Tratava-se, uma vez mais, não do modelo 1900 usado nos testes, mas sim do modelo 1906, com alguns melhoramentos significativos em relação ao primeiro (fig. 5.a). Estas armas, também em calibre 7,65 parabellum (.30 Luger), possuem um cano de 120 mm, com 4 estrias, dextrógiras, com um passo de 250 mm e uma profundidade de 0,125 mm. Na superfície exterior da câmara de disparo possuem gravado a coroa e monograma de D. Manuel II e, gravado na superfície do tirante posterior da joelheira, a [inscrição](#) DWM em letras entrelaçadas e decoradas com arabescos (fig. 5.b).



Fig. 5.a) Pistola Parabellum M/908 do Exército Português fabricada pela DWM (Mod. 1906), com monograma de D. Manuel II, juntamente com o coldre e os acessórios com que foi distribuída aos oficiais.



Fig 5.b) Vista superior da Pistola Parabellum M/908 onde se pode observar o monograma de D. Manuel II e da DWM, sobre a câmara e no tirante da culatra, respectivamente

Na face lateral esquerda do extractor, na superfície polida, surge gravada a palavra "CARREGADA", que fica visível apenas quando uma munição se encontra introduzida na câmara de disparo (fig. 6). A numeração encontra-se disposta nos sítios convencionais adoptados pela DWM para a numeração de armas contratadas, ou seja, possuem o número completo no cano e na face anterior do punho. Nas restantes peças principais surgem apenas os dois últimos dígitos do número de série. Esta numeração, usada pela DWM para as armas contratadas, previa que a numeração começasse em 1 com as primeiras armas fornecidas e, em aquisições posteriores, pela mesma entidade, a numeração continuaria de forma sequencial, tendo assim, cada país ou força, uma numeração própria e independente. Neste caso a numeração recai no intervalo entre 1 e 3500, como seria de esperar nesta situação de contrato.

Estas armas receberam a designação oficial de "Pistola Parabellum 7,65 mm m/1908". Todas as inscrições até aqui descritas, algumas especificamente para armas portuguesas, foram aplicadas na DWM. Além destas, surge ainda uma punção de verificação portuguesa, aplicada pela comissão de recepção, constituído por um triângulo equilátero circunscrito por um círculo (fig. 6), colocado na face posterior do punho e na face esquerda da superfície exterior da câmara de disparo e na base dos carregadores (fig. 8.a).



fig. 6 Pormenor do extractor da Pistola Parabellum M/908 onde se pode ler a palavra "CARREGADA" quando este se encontra elevado por se encontrar uma munição na câmara, assim como a punção de verificação, aplicado em Portugal, pela comissão de recepção destas armas.

Fig. 8.a) Pormenor da base do carregador da pistola Parabellum m/908 onde se pode observar a punção de verificação do AE.

Na alavanca de segurança do polegar não existe qualquer [inscrição](#) que permita identificar a posição de segurança. Esta distinção é feita, nos modelos 1900 e 1906, pela presença de uma pequena superfície polida com o recorte exacto da alavanca de segurança, indicando-nos se esta superfície estiver visível que a arma se encontra em segurança, se não estiver visível que se encontra em posição de tiro (figs. 7 a, b). Ao contrário do que habitualmente é afirmado, não se trata de um vestígio de qualquer inscrição que foi apagada.



fig. 7 - Pormenor da alavanca de segurança de b) em posição de segurança, onde se pode

polegar da pistola M/908
a) em posição de fogo

observar a superfície polida com o recorte da dita alavanca.

Estas armas são um claro exemplo da boa qualidade de fabrico e acabamentos (nomeadamente os característicos oxidados) da DWM do período antes da 1ª Guerra Mundial. Posteriormente, também a Marinha Portuguesa armou os seus oficiais com pistolas Parabellum, em substituição do revólver ADAMS Mod. 1877 (já em fogo central) e do revólver Abadie.

Não se conhecem referências aos testes efectuados pela Marinha, no entanto, a 22 de Novembro de 1909 foi estabelecido um novo contrato entre a DWM e o Governo Português para o fornecimento de 350 pistolas Parabellum modelo 1906, em calibre 9 mm parabellum, com o cano de 100 mm, assim como os respectivos acessórios que se compunham de 350 coldres em cabedal, 350 porta carregadores duplos em cabedal, 350 escovilhões e ainda 2 000 munições de pólvora sem fumo no valor total de 32,260 Francos Franceses. Estas armas foram fornecidas nos três meses subsequentes ao referido contrato.

Na superfície exterior da câmara, as pistolas de Marinha, possuem gravada uma âncora encimada por uma coroa e, tal como no modelo do Exército, as iniciais DWM, gravadas no tirante anterior da joelheira (fig. 9.b), assim como a [inscrição](#) "CARREGADA" na face esquerda do extractor (fig. 10).



fig. 9

a) Pistola Parabellum M/910 em calibre 9 mm e cano de 100 mm, destinada à Marinha de Guerra Portuguesa.

b) vista superior desta arma onde se pode observar a âncora coroada sobre a câmara e o monograma da DWM no tirante da culatra.



fig. 10 - Pormenor do extractor da Pistola Parabellum M/908 onde se pode ler a palavra "CARREGADA" quando este se encontra elevado por se encontrar uma munição na câmara e pormenor da punção MP, punção de verificação aplicada em Portugal pela comissão de recepção e verificação da Marinha de Guerra Portuguesa.

Todas estas inscrições bem como o número de série foram colocadas na fábrica DWM. A numeração destas armas situa-se entre 1 e 350, pois trata-se de um contrato independente do estabelecido com o Exército. Nestas armas surge igualmente uma punção de verificação portuguesa composta pelas letras MP, que certamente significará Marinha Portuguesa (fig. 10). Do mesmo modo, na alavanca de segurança do polegar não existe qualquer inscrição mas apenas a superfície polida com o contorno da própria alavanca. Na base de madeira dos carregadores destas armas surge gravado o calibre (fig. 8.b). Estas armas tomaram a designação oficial de "Pistola Parabellum m/910"

Em Outubro de 1910, com a implantação da República, alguns oficiais, seguidores mais ardentes da causa republicana, não querendo que a sua arma pessoal ostentasse a coroa e o monograma de D. Manuel II, removeram-nos, pelo que se torna algo frequente encontrarmos pistolas em que a coroa e o monograma foram apagados ficando apenas um rectângulo, de aço polido, sem que tenha sido depois reoxidado (fig. 11). Observando várias destas armas verifica-se uma grande semelhança no modo como este processo foi levado a cabo, apesar de, mesmo durante o calor pós-revolucionário, não ter havido qualquer ordem ou regulamentação no sentido de o fazer.

O mesmo ocorreu nas armas da Marinha em que alguns oficiais removeram a coroa, permanecendo apenas a âncora.



Fig. 8.b) Pormenor da base do carregador da pistola Parabellum m/910, de marinha, onde se pode observar a [inscrição](#) relativa ao calibre.



fig. 11 - Vista superior de uma Pistola Parabellum M/908 onde se pode observar que o monograma de D. Manuel II foi removido e polida a superfície onde este antes se encontrava.

Em 1912, teve ainda lugar uma nova encomenda, pela Marinha, de mais 300 pistolas Parabellum, do modelo 1906 com calibre 9 mm parabellum que foram entregues em duas remessas, havendo referência que a última delas, teve lugar em Agosto desse ano. Estas armas são em tudo idênticas às anteriormente encomendadas, excepto que em vez da âncora coroada possuem agora gravada uma âncora, semelhante mas encimada pelas letras RP (República Portuguesa) (fig. 12). A punção de verificação MP continua a surgir mas, curiosamente, não em todas as armas. A numeração destas armas recai no intervalo 351-650, na sequência do primeiro contrato efectuado pela Marinha.

Com este fornecimento encerrou-se uma primeira fase do fornecimento de pistolas Parabellum para Portugal.

Com o início da 1ª Guerra Mundial e o alinhamento português com as forças aliadas, interromperam as relações comerciais com a Alemanha, muito especialmente no que se refere a armamento e equipamento militar. Na sequência destes factos, em 1915, quando se começa a desenhar a participação portuguesa neste conflito, adquiriram-se as pistolas "Savage", em calibre 7,65 Browning, que tomaram a designação oficial "Pistola Automática 7,65mm m/915" no Exército e "Pistola Savage m/915" na Marinha.

Após a 1ª Guerra Mundial houve de novo diversas encomendas de pistolas Parabellum pelo Governo Português. Em Janeiro de 1935 foi decidido equipar a Guarda Nacional Republicana com esta arma. Foram assim encomendadas à fábrica Mauser 564 pistolas Parabellum do modelo dito 1906/34, em calibre 7,65 mm parabellum com o cano de 120 mm. Tal como as anteriores, possui patilha de segurança no punho e, pela primeira vez, na alavanca de segurança do polegar, surge gravada, a palavra "SEGURANÇA", visível apenas quando esta alavanca se encontra na posição de segurança. No lado esquerdo do extractor tem gravado "CARREGADA". Na zona exterior da câmara possui gravado o monograma da GNR, em letras desenhadas e entrelaçadas (fig. 13). No tirante anterior da joelheira surge agora gravado o símbolo da Mauser. O número de série ocupa as posições habituais e no caso deste fornecimento a numeração situa-se entre 1921v e 2484v com alguns intervalos na numeração.



fig. 12 - a) Pistola Parabellum M/912 destinada à Marinha de Guerra Portuguesa, em calibre 9 mm e cano de 100 mm de cano. Em tudo idêntica ao modelo M/910, porém com diferentes inscrições.

b) Vista superior da Pistola Parabellum M/912 onde se pode observar a âncora agora encimada pelas letras RP (República Portuguesa) assim como o monograma da fábrica DWM no tirante da culatra.

fig. 13 - Monograma da GNR gravado nas Pistolas Parabellum M/935 destinada a esta força. No tirante da culatra destas armas surge já o símbolo da Mauser, que entretanto adquirira a DWM.

Tiveram ainda lugar outros fornecimentos, tratando-se porém de pequenas quantidades destinadas apenas a completar dotações.

Ainda em 1935, em Setembro, foram adquiridas 70 pistolas Parabellum do modelo 1906/34, em calibre 9mm parabellum e cano de 100 mm, com numerações compreendidas entre 2501v e 2570v. Não apresentam qualquer gravação na câmara pelo que não é possível inferir a força a que se destinaram. A numeração encontra-se disposta de acordo com o padrão comercial. No extractor surge a inscrição CARREGADA e, na alavanca de segurança do polegar, a inscrição SEGURANÇA.

Em 1937 foram ainda adquiridas à fábrica Mauser, mais 50 pistolas, do mesmo modelo 1906/34, cal. 9 mm parabellum com cano de 100 mm, igualmente com as inscrições "CARREGADA" no extractor e "SEGURANÇA" junto à alavanca de segurança do polegar. Não possuem qualquer [inscrição](#) no exterior da câmara que possa indicar a força a que se destinava. A sua numeração situa-se entre 4301v e 4350v.

Uma outra encomenda, mais tardia, teve lugar entre 1941 e 1942, desta vez para cerca de 30 armas do modelo 1934, já sem segurança no punho e com mortagem para encaixe de uma coronha. Continuavam a possuir as inscrições em português "CARREGADA" e "SEGURANÇA" no extractor e junto à alavanca de segurança do polegar, respectivamente. Na superfície exterior da câmara tem inscrita a data 1941. Estas armas, em calibre 9 mm parabellum, com cano de 100 mm, possuem numeração salteada na série 6900v.

Por fim, a última encomenda foi feita pelo Exército à fábrica Mauser, em 1943, de um total de 4500 pistolas em calibre 9 mm parabellum com cano de 100 mm.

Nesta altura, em plena 2ª Guerra Mundial, a Mauser não pôde assegurar este fornecimento, pois a produção da pistola Parabellum havia já terminado na Alemanha. O Exército Alemão adoptara a pistola P-38, de fabrico muito mais económico, não sendo rentável reiniciar o fabrico da pistola Parabellum para suprir a encomenda portuguesa. Como o Exército Alemão tinha ainda diversas pistolas do modelo P08, a encomenda foi satisfeita com estas armas (fig. 14).

Na superfície exterior sobre a câmara possuem a data, com apenas dois dígitos, "42" (fig. 14.b).



fig. 14 - a) Pistola Parabellum 9 mm M/943, adquiridas à Alemanha, nesse ano. Pelo facto de ter cessado a produção destas armas, o fornecimento fez-se das armas destinadas ao Exército Alemão, pelo que apresentam a numeração militar alemã bem como punções de prova e verificação alemães. Trata-se da verdadeira P08 em serviço no Exército Português.

fig. 14 - b) Vista superior da Pistola Parabellum M/943 onde se pode observar apenas o número "42" na superfície exterior da culatra e as letras "byf" no tirante da culatra.

As habituais inscrições, antes em Português, encontram-se agora em alemão "GELADEN" (fig. 15) na face lateral do extractor e "GESICHERT" (fig. 16) na alavanca de segurança do polegar, o que faz sentido tratando-se de armas que se destinavam ou haviam estado ao serviço do Exército Alemão.

Durante a guerra, e por questões de segurança, a indicação do fabricante, habitualmente gravada no tirante anterior da joelheira, toma a forma de um código de letras e números, que indicam, de forma encriptada, o local de fabrico. No caso destas armas adquiridas pelo Exército Português possuem o código "byf" que corresponde à fábrica MAUSER de Oberndorf (fig. 14.b).

Estas armas em Portugal receberam a designação Pistola "Parabellum" 9 mm M/943, tratando-se das únicas Parabellum P08 que estiveram em serviço no Exército Português. A sua numeração está compreendida entre 500m e 5200m.



fig. 15 - Pormenor do extractor da Pistola Parabellum M/943 onde se pode ler a palavra "GELADEN" quando este se encontra elevado por se encontrar uma munição na câmara.



fig. 16 - Pormenor da alavanca de segurança de polegar da pistola M/943 em posição de segurança, onde se pode observar a palavra "GESICHERT"